

Δ Escrita Automática em Água Viva, de Clarice Lispector

Eduardo Horta Nassif Veras¹

Quem for capaz de parar de raciocinar – o que é
terrivelmente difícil – que me acompanhe.
Vim te escrever. Quer dizer: Ser
Clarice Lispector

Publicado em 1973, *Água Viva* aborda um dos problemas fundamentais do projeto literário de Clarice Lispector: a questão dos limites da personalidade e sua plena identificação com os limites da linguagem. A convergência entre essas duas questões aparece nesse romance através da reflexão sobre a Escrita Automática, pensada conforme a teoria surrealista. Esse procedimento seria capaz de libertar o sujeito dos limites impostos pela consciência e revelar-lhe sua essência primeira – o Ser. A encarnação do procedimento surrealista em um romance de forte carga metalingüística, como *Água Viva*, entretanto, amplia, como este artigo pretende demonstrar, seu alcance filosófico. Lançando mão da reflexão sobre o Automatismo e aplicando-o através da Escrita Automática, Clarice Lispector adensa e aprofunda, no romance em questão, sua reflexão ontológica e sua concepção de homem, já apresentadas em obras anteriores. Como veremos, a liberdade proporcionada pelo

³ O conceito de “intertextualidade inter-gêneros” pertence a Ursula Fix, a qual é

Automatismo é, em *Lispector*, uma experiência necessária e epifânica, porém ameaçadora e, portanto, demanda, paradoxalmente, ainda que o mínimo controle da consciência.

Numa trama que apaga os contornos tradicionais do gênero romance, uma voz feminina dirige-se a um interlocutor masculino, expressando sua ânsia na busca pelo que chama de “quarta dimensão do instante-já”. Conforme sugere o nome, essa “quarta dimensão do instante-já” caracteriza-se por sua atualidade, uma vez que se dá no presente absoluto do instante, e por sua essencialidade, uma vez que, para protagonista: *Cada coisa tem um instante em que ela é* (LISPECTOR, 1998, p. 9) [grifo nosso]. Em outras palavras, a protagonista está em busca de uma *experiência* do presente vivo, não rememorado, que coincide, para ela, com a essência de todas as coisas.

Se o Ser revela-se na instantaneidade, sua *experiência*, desejada pela protagonista, só é possível através do mergulho no fluxo do tempo e, portanto, da dissolução da unidade e individualidade do observador:

Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo como a vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim. (LISPECTOR, 1998, p. 9)

Como se sabe, a consciência racional, que define as linhas da unidade e da individualidade, é sempre posterior ao instante, pois não o *experimenta*, apenas o *representa a posteriori*. Assim, o problema do Ser só pode ser resolvido com a superação do abismo entre a consciência e o tempo, ou seja, com descoberta de uma *experiência*

psíquica anterior à representação. Para a protagonista de *Água Viva*, a arte seria a ponte que se erige sobre esse abismo. Pintora, ela se lança agora, em *Água viva*, numa nova experiência artística – a literatura, explicando-se da seguinte forma ao seu interlocutor:

Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tão tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo por que minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é minha quarta dimensão (LISPECTOR, 1998, p. 10).

A comparação entre a expressão verbal, a pintura e a música, insinuada no trecho acima, é constante em *Água Viva* e pode ser tomada como uma de suas chaves de leitura. Nesse sentido, a epígrafe da obra é esclarecedora, pois resume, nas palavras de Michel Seuphor, o esforço poético da protagonista:

Tinha que existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura – o objeto – que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incommunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência. (LISPECTOR, 1998, p. 7)

A música, modelo para a pintura e para a escrita da narradora de *Água Viva*, aparece como a linguagem capaz de superar a “dependência do objeto”, pois não “ilustra coisa alguma”, “não conta uma história”, “não lança um mito”, em outras palavras, não representa nada. Assim como a pintura musical da epígrafe, a pintura da protagonista não se quer representação de nada, pois nela lança-se a pintora por inteiro, corpo a corpo consigo mesma. E assim também se quer sua escrita – agora que sente também “necessidade de palavra”. Vê-se que o problema ontológico coincide, em Clarice Lispector, com a questão do representacionismo, podendo ser considerado, portanto, também de ordem lingüística e poética. Assim, – nas palavras de Benedito Nunes - *a linguagem, tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência, como problema da expressão e da comunicação* (NUNES, 1969, p.130). Em outras palavras, identificados o problema da existência com o problema da expressão, identificados o significado e o significante, tem-se que na obra de Lispector a linguagem constitui o próprio objeto – e não o meio de acesso a ele - da narrativa.

A palavra tematizada em *Água Viva* define-se em oposição à palavra tradicional, pois se quer “cega de sentido”, pura eletricidade e vibração. Inclinada não só a refletir sobre esse processo lingüístico, a protagonista o experimenta por várias vezes ao longo da obra, conforme o trecho abaixo:

Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já. Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue: “com o correr dos séculos perdi o segredo do Egito, quando eu me movia em longitude, latitude e altitude com ação energética dos elétrons, prótons, nêu-

trons, no fascínio que é a palavra e sua sombra.” Isso que te escrevi é um desenho eletrônico e não tem passado ou futuro: é simplesmente já (LISPECTOR, 1998, p.11).

O excerto caracteriza-se pela ausência de significação, fruto da atualidade absoluta da linguagem, ou seja, de sua instantaneidade. Seu caráter puramente elétrico o aproxima da linguagem musical e da pintura abstrata, conforme sugerem as comparações feitas pela narradora.

O procedimento discutido até aqui não é uma inovação de Clarice Lispector, pois encontra na tradição literária um precursor: a Escrita Automática surrealista. O procedimento de vanguarda também se caracteriza pelo questionamento da unidade do sujeito e, principalmente, pela superação do discurso racional, em prol de uma expressão inconsciente, livre de qualquer controle. Segundo Chénieux-Gendron:

O automatismo é um modo de produção de texto escrito, mas também de fala (no sonho hipnótico), ou ainda de grafismo. Escrever, falar, desenhar de modo tal que se dissipe o controle da razão e do gosto, e até mesmo que a consciência de si seja posta em surdina em proveito de mão que escreve, que traça sinais gráficos, ou da palavra que se profere: há um questionamento do sujeito por ele mesmo e do sentido de toda palavra, de toda e qualquer comunicação humana (CHENIUUX-GENDRON, 1999, p. 55).

A Escrita Automática aparece em *Água Viva* como procedimento pensado e reproduzido em função da busca pelo Ser. A dissolução do sujeito e a atualidade própria do automatismo explicam

seu emprego pela protagonista do romance, que busca, como se dissesse acima, uma linguagem em que se apresente corpo a corpo consigo mesma, capaz de transportá-la ao instante:

Agora vou escrever ao correr da mão: não mexo no que ela escrever. Esse é um modo de não haver defasagem entre o instante e eu: ajo no âmago do próprio instante (LISPECTOR, 1998, p. 49).

A escrita ao correr da mão, ou seja, a Escrita Automática, proporciona à personagem experimentar seu instante, seu “é” imanente. A idéia, mais uma vez, dialoga diretamente com o Surrealismo, pois Breton já destacara, no manifesto de 1924, essa potencialidade do automatismo. Para ele, a Escrita Automática coincidiria com o pensamento em si mesmo, ou em suas próprias palavras, seria uma espécie de *pensamento falado* (BRETON, 1992, p.189). Dessa forma, a noção apresentada por Breton se adequa perfeitamente às intenções da protagonista de *Água Viva*. O *pensamento falado* proporciona a ela o mergulho no fluxo do tempo, através do qual se torna possível a *experiência* essencial do instante-já, bem como a vitalidade de sua escrita, que se torna a materialização da pulsação da escritora, seu presente vital, seu corpo inscrito em palavra, sua vida em estado puro, sem rosto, sem identidade – conforme sugere a imagem da água viva, que dá título ao romance.

A Escrita Automática é pensada pela protagonista de *Água Viva* como uma experiência de liberdade. “Luto por conquistar mais profundamente a minha liberdade de sensações e pensamentos, sem nenhum sentido utilitário: sou sozinha, eu e minha liberdade” (LISPECTOR, 1998, p. 22) – escreve a protagonista. E essa experiência é vital, ou seja, proporciona a ela um contato com vida em seu estado puro: “Vou adiante de modo intuitivo e sem procurar uma idéia: sou orgânica” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Para os surrealistas, o procedimento tem função análoga. Através dele, o homem liberta-se da consciência racional e dos ditames culturais. Através dele, *experimenta* o escritor a liberdade que coincide com o estado natural do Homem Primordial. Nele, o escritor *vive* no sentido mais puro do verbo, vibra como música, numa espécie de paixão cega e absoluta. Segundo Octavio Paz, para André Breton:

Os poderes da palavra não eram distintos dos da paixão e esta em sua forma mais alta e tensa, não era outra coisa que a linguagem em estado de pureza selvagem: a poesia. (...) Toda sua busca, tanto ou mais que a exploração de territórios psíquicos desconhecidos, foi a reconquista de um reino perdido: a palavra do princípio, o homem anterior aos homens e às civilizações (PAZ, 2003, p. 221).

As palavras de Paz sintetizam o principal ponto de contato entre a obra de Clarice Lispector e a Escrita Automática bretoniana: a dissolução da subjetividade. Ambos partem do pressuposto da coincidência entre a experiência do automatismo e a experiência da vida em si mesma, anterior às convenções sociais, à razão e à personalidade - vida que é pura pulsação, sem identidade, sem rosto, como água viva.

A presença do Automatismo em *Água Viva*, no entanto, não se restringe à mera aplicação do conceito surrealista. O procedimento da Escrita Automático ocupa um lugar específico no enredo do romance e, portanto, deve ser pensado em relação aos outros elementos que compõem a narrativa.

Conforme dissemos, o romance se estrutura em torno da reflexão e de algumas experiências de automatismo. Por que a protagonista não se deixa levar em toda a obra pelo fluxo da Escrita Au-

tomática? Por que, a todo momento, parece estar à beira de uma lagoa, como quem experimenta sua temperatura, sem, no entanto, se atirar? É que essa abdicação de si mesmo (LISPECTOR, 1998, p. 23) é perigosa e provoca medo, pois, em última instância, representa a perdição, o aniquilamento do humano. Como em *A paixão segundo G.H.*, a protagonista de *Água viva* teme ser levada pelo êxtase do contato com a coisa em si e pede ao seu interlocutor que a segure, que não permita que ela se perca:

Uma parte mínima de lembrança do bom-senso de meu passado me mantém roçando ainda o lado de cá. Ajude-me porque alguma coisa se aproxima e ri de mim. Depressa, salva-me. Mas ninguém pode me dar a mão para eu sair: tenho que usar a grande força – e no pesadelo em arranco súbito caio enfim de bruços no lado de cá (LISPECTOR, 1998, p.19).

A força empregada pela protagonista contra a corrente que a arrasta nada mais é que a reação da consciência que busca sobreviver ao afogamento, que tenta manter-se viva ante a dissolução que a ameaça.

A identificação entre a *experiência* existencial da protagonista e sua *experiência* com a linguagem – com o Automatismo na pintura e na poesia – permite-nos explicar a oscilação do gênero do discurso em *Água viva*. Como dissemos, a obra se caracteriza pela diluição das linhas que a definem como romance. Também é perceptível uma oscilação entre o discurso referencial – nos momentos metalinguísticos – e a diluição da referência – nos momentos de êxtase que geralmente se identificam ou precedem a *experiência* do Automatismo.

Essa oscilação garante à escritora *experimentar* os limites do gênero romance e de sua discursividade e, ao mesmo tempo, garante também a ela *experimentar* os limites de sua subjetividade, na

dimensão do possível, sem se aniquilar. Nos dois casos temos uma *experiência* epifânica, pois a revelação só se torna *revelação* se não há o aniquilamento trágico da consciência e seus atributos. Por isso, a Escrita Automática, embora fundamental nesse processo, não reina absoluta, é exercitada com o mínimo de cautela e aparece sempre planejada e digerida por momentos de reflexão, quando a consciência se vê rainha soberana da psique humana. E não poderia ser diferente.

Acabou-se agora a cena que minha liberdade criou.
Estou triste. Um mal-estar que vem do êxtase não
caber na vida dos dias. Ao êxtase devia se seguir o
dormir para atenuar a sua vibração de cristal
ecoante. O êxtase tem que ser esquecido
(LISPECTOR, 1998, p. 84).

Referências Bibliográficas

- BRETON, André. **Manifesto do surrealismo**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CHENIUXX-GENDRON, Jacqueline. **O surrealismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NUNES, Benedito. **O mundo imaginário de Clarice Lispector**. In: _____. O dorso do tigre. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 93-139.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PAZ, Octávio. **André Breton ou a Busca do Início**. In: _____. Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 221-231.